

No último século o currículo escolar foi ligado aos movimentos econômicos. Depois da Grande Depressão o currículo foi sistematizado relacionando o conteúdo à medição e assim o ensino foi reduzido a uma mera instrumentalização. Nos anos 80 as reformas curriculares nos Estados Unidos não se interessaram mais pelo conteúdo intelectual dos anos 60, mas com os standards. Esta política se tornou com G.W Bush no movimento da contabilidade na educação que se estendeu e aprofundou desde 2001 em todo mundo. Nesta perspectiva procura-se a padronização de resultados. Esta tendência se expande pelo mundo mas tem resultados particulares e percebidos de maneiras diferentes. Na África do Sul pós-apartheid por exemplo, foi instituído um currículo funcional estruturado em exames, mas foi relacionado à democratização e não ao neoliberalismo como e nos Estados Unidos.

Do outro lado da sala William Pinar proõe uma forma de confrontar estes problemas...



William, no Brasil os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam algumas linhas de ação, como você vê a estrutura curricular no Brasil?



No Brasil acontece algo diferente. As jurisdições independentes de cada região permitem aos professores a reformular seu currículo de acordo a sua realidade e assim se formou um sofisticado campo curricular. Este sistema enfatiza uma série de conceitos como o cotidiano. A história de México é tragicamente diferente do Brasil, apesar dos esforços intelectuais que ali se formam. Eu penso que o currículo não deve passar nunca de um guia. Temos que ter em conta que o currículo tem consequências sobre a história.

